

Dramatizações suicidárias num rapaz de 6 anos

— Castração, bissexualidade e culpa (*)

EMÍLIO SALGUEIRO (**)

I

Há perto de 11 anos recebi, da parte de um pediatra de Lisboa, o pedido para que observasse, com urgência, uma criança de 6 anos, que tinha feito várias tentativas de suicídio. O natural alarme da família preocupava também o pediatra, e, eu próprio, concordando com a gravidade da situação, acedi em ver a criança rapidamente.

A família, de nível económico modesto, vivia numa vila do centro do país, distante uns 150 km de Lisboa, só se deslocando à cidade quando tinha que vir a uma consulta.

No dia da primeira entrevista a criança chegou ao meu consultório acompanhada pela mãe, pelo avô, por uma tia paterna e por uma amiga da tia, ambas enfermeiras em Lisboa. O Álvaro Contente (nome fictício, obviamente) mostrou-se como uma criança sossegada, de muito pequena estatura embora proporcionada, com um olhar vivo e numerosos dentes estragados.

A mãe, mulher risonha, expansiva, bem nutrida, relatou-me, em privado, que o filho, desde há dois meses, afirmava querer matar-se perante qualquer contrariedade (briga com

companheiros, levar uma reprimenda, apanhar uma palmada, sentir-se vítima de uma injustiça, etc.), tendo já feito diversas tentativas de suicídio. Procurava fazê-lo habitualmente por enforcamento, com cordéis.

Já por várias vezes o tinham ido descobrir a tentar enforcar-se numa oliveira; outras vezes amarrava a ponta dum cordel à cabeceira de uma cama de ferro, procurando deixar-se cair para o chão, com a outra ponta, em laço, enrolada ao pescoço. As actuações eram em regra rápidas: à reprimenda seguia-se imediatamente a tentativa. Uma vez, tendo-lhe sido dito, no consultório de um médico, que não riscasse o corrimão da escada, ameaçou logo despenhar-se por ela abaixo, sendo difícil dissuadi-lo.

Andaria sempre à cata de cordéis, procurando guardá-los para quando fossem necessários. «Vai ver se me mato ou não!» ameaçava frequentemente a mãe quando esta, depois, lhe confiscava os cordéis, à medida que lhos ia descobrindo. Já uma vez teria havido também uma tentativa de suicídio por ingestão de comprimidos.

A família estava muito preocupada, procurando a mãe mantê-lo sob vigilância próxima, para o que deixara de trabalhar-a-dias, fora de casa.

No entanto, com frequência escapava-se, acabando por ser encontrado nos campos, em

(*) Conferência proferida no 4.º Encontro de Psicanálise do Norte, Porto, 2 de Julho de 1988.

(**) Psicanalista e psiquiatra infantil.

mais uma das suas tentativas suicidárias. Por vezes a mãe respondia às ameaças do filho com um desafio «pois vai-te matar a ver se eu me importo», tentando, assim, neutralizá-las.

No dizer da mãe, o Álvaro sempre fora uma criança difícil. Desde os 2 meses que chorava muito, dia e noite: «nem o peito na boca o calava». Muito inquieto no dormir, chorando, gritando e atirando-se da cama abaixo, dizia, já mais crescido, ao acordar, que *o estavam a querer matar*.

Até aos 3 anos dormira na cama dos pais, passando depois para uma cama própria, mas ainda situada no quarto dos pais na altura desta primeira entrevista. Segundo a mãe, fora ficando por causa dos gritos darem muito mau dormir ao pai, e, estando o Álvaro perto deles, poder acalmá-lo mais facilmente, além de que o quarto onde o irmão dormia tinha pouco ar; na casa ainda havia, no entanto, uma sala de jantar.

O Álvaro não suportava, também, dormir fora de casa; já uma vez uns familiares tiveram de o ir levar, a meio da noite, a casa dos pais, por não o conseguirem tranquilizar na casa deles.

Durante o dia, quando contrariado, tinha enormes birras, ficando horas a chorar.

Pelos 3 anos atravessara uma fase de piromania, tentando deitar fogo a papéis e cortinas, tendo mesmo conseguido provocar um incêndio em casa de uma tia.

Facilmente se atirava aos colegas, assim como ao único irmão, 8 anos mais velho, já tendo, além disso, uma vez procurado espetar uma faca num primo; frustrado no seu impulso, foi depois cravar com a faca todo um guarda-fatos da avó.

Ultimamente, e por tudo isto, além da atenção aos cordéis e aos comprimidos, a família também procurava manter as facas fora do alcance do Álvaro.

«Sai à família do pai», queixava-se a mãe, acrescentando que dois tios paternos teriam acabado no manicómio, «com fúrias». Nada haveria do seu lado da família.

O pai, que trabalhava numa pedreira, seria excitável como o Álvaro, gritando por tudo e por nada. A mãe achava-se calma, com «nervos para dentro», e o filho mais velho seria como ela. Na opinião deste irmão, o Álvaro seria mau e precisaria era de pancada.

Apesar de tudo, o Álvaro gostaria de estar

com a avó e com a mãe. Ultimamente, não largaria a mãe fosse ela para onde fosse, e ainda que esta lhe batesse para o impedir.

II

As ameaças e as tentativas de suicídio tinham começado com o suicídio consumado de um primo de 13 anos, 2 meses antes desta primeira consulta. Esta primo, com quem o Álvaro se dava muito, seria «atrasado mental»; também andava a ameaçar a própria mãe de que se mataria, e fê-lo mesmo, tomando uns comprimidos, um dia, após esta lhe ter dado umas palmadas.

Fôra a partir daí que o Álvaro, empreendendo na morte do primo, começara a falar nisso. Uma das «razões» porque a mãe do Álvaro se dizia preocupada derivava de a mãe deste primo quase ter sido linchada pela população da vila: «Não posso estar sempre a vigiá-lo! E se acontece uma desgraça?».

Na escola, onde o Álvaro estava a frequentar a 1ª classe pela primeira vez, mostrar-se-ia *muito instável*; a professora, desde que soube o que se tinha passado e se estava a passar, deixara de o contrariar, dizendo-lhe «O Álvaro é bonito, que lindo menino...», o que, obviamente, nada adiantara em relação ao seu comportamento.

— O Álvaro está com muita força, consegue trazer todos preocupados... — disse eu para mãe, que concordou.

Com frequência o Álvaro não mostrava o sentido das conveniências sociais, repetindo aos vizinhos, ou a simples conhecidos, o que deles ouvira dizer na casa dos pais: «Com que então partiu o braço à velhota»... ou «Você é uma destalhadeira», o que vinha levantando problemas à família.

O Álvaro seria uma criança que comeria mal, com pouco apetite. Ultimamente teria mesmo emagrecido: franzino desde sempre, não pesaria na actualidade mais do que 15 quilos.

Já fora visto nesta fase por vários médicos, ultimamente por um pediatra de uma cidade próxima da vila, que se teria mostrado disposto a ouvi-lo. O Álvaro ter-lhe-ia dito que só estava «contente» no nome, e que se queria matar. Perante a objecção do médico de que se se matasse nunca mais cá voltaria respondera que

não era assim: iria para debaixo da terra, mas que regressaria quando quisesse.

Quatro dias antes de vir a Lisboa ao meu consultório, teria sido operado a uma fimose, tendo sido «precisas não sei quantas pessoas» para o agarrarem e conseguirem circuncisar.

Na véspera da consulta comigo teria dormido muito mal: a tremer, acabou por ser metido na cama dos pais.

«Veja se lhe consegue dar um remédio que o ponha bom», exortou-me a mãe no fim do seu relato.

— «Isto não vai só com remédios», respondi-lhe eu, procurando depois, logo neste primeiro contacto, transmitir-lhe a minha opinião da necessidade de ser introduzida uma maior distância na relação dela com o Álvaro, e de ser necessário que ele saísse do quarto dos pais.

III

O Álvaro separou-se facilmente da mãe e dos restantes familiares, para ficar sózinho comigo no meu gabinete de consulta, ouvindo silencioso, mas com olhar vivo, o relato-resumo que lha transmiti do que a mãe me contara. Depois, quando falou, fê-lo sempre com uma voz triste, em queixume, por vezes: notavam-se algumas imaturidades na pronúncia de certos grupos fonéticos, e tornavam-se evidentes as numerosas cáries, tanto nos dentes de cima como nos de baixo. O olhar era vivo e triste, não inquieto. Sentado numa cadeira muito maior do que ele, mantinha-se com as mãos placidamente no colo, pés suspensos no ar, ombros um pouco encurvados. Disse-me:

- «Meu primo partiu-me o carrinho e eu disse que me queria matar».
- Então porquê?, perguntei-lhe eu.
- «Disse que ainda havia de me partir outro carro».
- Estavas zangado com ele?
- «Pois».
- Disseste que te querias matar em vez de lhe dizeres que querias que ele morresse...
- «Pois... um dia o meu pai bateu-me por causa do meu primo; ele é que entornou a comida; pôs-se a abanar a mesa... e eu disse que me matava...»

— Ficaste muito zangado com o teu pai...

— «Pois fiquei».

O Álvaro quiz desenhar, e fez o desenho de um menino a ir buscar laranjas de uma árvore para toda a família (pai, mãe e irmã), e, depois, a ajudar a regar a laranjeira.

Logo a seguir faz novo desenho, muito parecido com o primeiro, mas com o pai a ir regar, e a não o levar.

— O menino ficou zangado, comentei eu.

— «Pois ficou».

— Tão zangado que até lhe apetecia que o pai morresse já que o não levava...

— «Pois foi».

Acrescentou o Álvaro que, depois do pai ter ido regar, o menino foi-lhe deitar gasolina nas velas da mota, por não o ter levado; depois o menino foi buscar dinheiro à mãe para lhe comprar uma mota nova; a mãe ameaçou que ia contar ao pai, mas este veio e explicou à mãe para que era o dinheiro.

— O menino ficou tão zangado que até lhe apetecia que o pai morresse e foi deitar-lhe gasolina na mota; depois ficou com medo do castigo do pai, e foi-lhe comprar uma mota nova, e assim fizeram as pazes.

— «Pois foi», assentiu ele, com o habitual tom triste.

Depois da entrevista com o Álvaro recebi de novo a mãe sózinha, e procurei reforçar a ideia da necessidade de uma «distância» maior mãe-filho, da saída do quarto dos pais, e de não dramatizar as ameaças do filho, nem provocá-lo com desafios suicidários; ouvi-lo nas ameaças, e não comentar. Pareceu-me que a minha intervenção tranquilizara a família; receitei ainda uma colher de sobremesa de Valium à noite até à próxima entrevista, só 17 dias depois, dada a distância a que viviam.

IV

Na segunda consulta a mãe disse senti-lo mais calmo nos últimos dias, embora tivesse estado muito agitado na semana anterior. Teria havido uma tentativa de suicídio com comprimidos de

Valium de 2 mg, pois que conseguira descobrir um frasco com 30 comprimidos (embora estivesse escondido), de onde tirara 3 ou 4. Ficou tonto, comeu muito, andou «aos bordos»; dormiu e ficou bem.

Teria passado a descansar de noite bastante melhor desde a primeira consulta, e por isso os pais ainda não tinham sentido grande necessidade em tirá-lo do quarto deles. Recomendo que a mudança não demore muito. A mãe diz reçar que se ele dormir sózinho possa fazer algum disparate.

Quando o Álvaro agora diz «Quero matar-me, vou matar-me», ninguém liga muito. Cinco dias antes desta consulta, e após a mãe lhe ter descoberto um cordel no bolso e lho ter tirado, arranjou novo cordel e tentou enforçar-se, amarrando-se às costas de um cadeirão. A mãe descobriu-o, suado, no meio de mais uma dramatização suicidária: «Hei-de matar-me, há-de ver!», gritou-lhe, aparentemente desesperado.

Desde há uns 2 ou 3 dias que teria dificuldade em ir ou em estar na escola; chega ao intervalo e vai-se embora, indo brincar na rua até à altura de voltar para casa.

V

O meu contacto com o Álvaro permaneceu nesta ocasião fácil.

Após o resumo que lhe fiz do que a mãe me dissera, ele esclareceu-me de que tinha saído da escola por lhe doer o ouvido. Acrescentou gostar de cordéis por poder brincar com eles aos cavalos com o primo de 4 anos. Uma vez um faz de cavalo outra vez faz o outro, passando um cordel por baixo dos braços e por trás do pescoço, como se fosse uma «arreata»; conseguiu deitar o primo ao chão com a sua força. Pergunto se esse primo era o mesmo com quem ele ficara zangado, quando este entornara a comida e o pai o tinha castigado a ele Álvaro, em vez de castigar o primo; por causa dele tinha também ficado zangado com o pai. O Álvaro confirma, e aceita desenhar.

Desenha um homem montado num burro; o filho quer que o pai vá por um determinado caminho para levar o burro para a casa dele; o homem põe o filho em cima do burro, e vão

os dois montados até chegarem a casa do burro; seguem depois para a casa de ambos, e acabou-se a história.

Desenha a seguir uma menina e um leão. A menina, sem querer, acordara o leão e este disse-lhe «Vou-te matar!»; ela contrapôs «Não me mates que sou tua amiga»; vai daí ele caiu num buraco, e a menina tirou-o com uma corda e salvou-o.

No fim desta segunda consulta combino com a mãe fazermos uma consulta mensal. Por razões adiante explicadas, o Álvaro acabará por só vir a mais 5 consultas.

VI

Na terceira consulta a mãe relatou que nos 15 dias seguintes à consulta anterior o Álvaro «andou que parecia outro»: contente, satisfeito, parecia que não tinha nada. A mãe interrogara-se sobre o que é que eu lhe teria dito.

Houve então o funeral de dois rapazes da terra, mortos num acidente de viação, e nesse dia a tia descobriu o Álvaro a preparar-se para beber uma mistura que ele próprio arranjava, de vitaminas, em gotas, com álcool puro e álcool desnaturado. Ficou muito zangado quando a tia contou à mãe, estendendo-se a zanga à mãe. Gritou muito durante todo esse dia, mas não voltou a haver dramatizações suicidárias.

O Álvaro iria agora muito contente para a escola; passou a pedir a colaboração do pai para os trabalhos para casa, e suportaria bastante melhor estar longe da mãe. Gostaria, por vezes, mesmo de andar sózinho. Diz que se vai embora, e deambula pelos cafés à procura de papéis, ao que a mãe não se opõe.

Passa muito melhor as noites (o que sucedeu aliás desde a primeira consulta), já tendo mudado para o quarto e para a cama do irmão. Dorme bem, só tendo acordado uma noite com o sonho de que *uma velha o queria matar*.

A mãe fala-me, então, preocupada no facto de uma prima lhe ter revelado que mostrara uma fotografia do Álvaro a um certo padre Gregório, que lhe dissera que o miúdo tinha um espírito mau dentro dele. «Será assim, Sr. Dr.?». Pergunto-lhe que espírito seria esse, e como lá teria ido parar.

«Tão pequenino, Sr. Dr. ... porquê a ele?... eu não acredito, Sr. Dr., mas... Por enquanto acredito mais em vir ao Sr. Dr. ... Parece-me que temos homem, Sr. Dr.!»...

Como de costume o Álvaro vem facilmente falar sozinho comigo, comentando o meu resumo do que a mãe me dissera, com um «É verdade, Sr. Dr.», com o seu habitual ar sério e um pouco triste.

- Ficaste, se calhar, a pensar na morte dos dois rapazes, como tinhas pensado, em tempos, na morte do teu primo. Achaste que talvez aquilo lhes tivesse acontecido por um castigo. E que ao teu primo, se calhar, lhe aconteceu também um castigo por maldades que tinha feito e que receava que descobrissem: para não ser castigado castigara-se a ele próprio.
- «É verdade», diz no mesmo tom de voz, e fica calado.
- Queres desenhar?

Aceita.

No 1º figura um cão e um homem num barco para irem pescar. O cão quer ir com o homem mas este não deixa. Traz os peixes, vão então para casa, e acabou-se a história.

- O cão ficou triste por não ter ido..., comento eu.
- «Esse cão era a mãe», responde-me ele; «O cão pequenino está no barco, foi... voltaram da pesca, e foram todos para casa».

2º desenho: um menino deformado, uma bandeira e uma casa. A bandeira fugiu da mão do menino; ele foi para casa, mas a bandeira foi lá ter e ficaram amigos.

- Menino deformado porquê?, pergunto eu.
- «Foi um desastre».
- Ele, se calhar, pensou que tinha sido um castigo por maldades que tivesse feito...
- «Não, ele não tinha feito maldades... Nasceu assim».
- Então já estava deformado há muito tempo... Mas há bocado falaste em desastre...
- «Pois», responde, «foram para casa e acabou-se a história».

3º desenho: uma casa sem ninguém, a que davam o nº 4.

- Porquê sem ninguém?
- «Tinham-se ido todos embora... isto aqui é um caixote de lixo: a mãe do menino tinha-lhe atirado 2 cartas para o lixo... e é um cinco...» (desenha um cinco ao lado).
- Cartas de jogar ou de escrever?
- «De jogar».
- Porque é que a mãe tinha deitado as cartas para o lixo?
- «Estava zangada com o menino e deitou-lhe as cartas fora...»
- Ele tinha feito alguma maldade?
- «Não, não tinha... e acabou-se a história».

Fica calado

- Queres fazer mais algum desenho?, pergunto-lhe.
- «Já chega».
- Queres contar-me alguma coisa ou fazer-me alguma pergunta?
- «Não, não tenho perguntas a fazer».
- É possível que de vez em quando penses em coisas que gostarias de perguntar, mas que não te sentes à vontade para perguntar ao teu pai...
- «Eu não penso», responde, «...Quando venho da escola brinco... Não tenho tempo para pensar».
- É possível que haja alturas em que não faças nada e penses... por exemplo, na cama, antes de adormeceres...
- «Não tenho nada para perguntar», reafirma.
- Pode ser que da próxima vez tenhas..., digo-lhe.
- «Pode ser».

VII

Na 4ª consulta a mãe começa por dizer que o Álvaro vomitou mesmo ao chegar ao pé do consultório: pouco antes dissera que lhe doía a barriga, o que, aliás, volta e meia lhe sucedia quando andava de automóvel.

Acrescenta que o Álvaro está muito melhor. «Não tem explicação». Não tem a mínima coisa

a dizer dele. Está muito interessado na escola, aplicado em fazer os trabalhos para casa (fichas), para o que pede a ajuda do pai, que este não nega.

Anda calmo, come melhor e até engordou. Dorme toda a noite (ainda toma Valium). Sugiro que passem o medicamento para S.O.S.. O ambiente em casa está bem mais calmo.

Apesar dos dias que teve de faltar (vindas a Lisboa; circuncisão) a professora acha-o ao nível dos outros.

Não voltou a fazer qualquer birra, não mais falou «na questão»...

A própria mãe já voltou a trabalhar:

— «Isto vai durar, Sr. Dr.?»

— Vamos a ver...

— «Anda ocupado pela Escola, vai todas as manhãs muito cedo... mas como será nas férias?...», interroga-se a mãe.

Como habitualmente o Álvaro acompanha-se sem dificuldade, e, também como de costume, acrescenta «É verdade» após o resumo que lhe fiz do que a mãe me relatara. Afirma nada ter para me dizer, nenhuma pergunta para me fazer, nem ter qualquer história que saiba ou que me queira contar.

Diz querer desenhar: escreve os números de 0 a 12, e diz serem as 12 partes da casa que desenha por baixo. Há uma menina contente a ver desenhos animados na televisão; chega o irmão maluco, com os cabelos em pé, que não quer ver os desenhos animados, muda para o canal espanhol, e depois apaga.

— Maluco, porquê?, pergunto eu.

Responde que fazia barulho, andava assim com os cabelos em pé, e atirava-se para a frente dos carros na rua. A irmã deu-lhe um bolo; veio depois uma enfermeira com uns remédios, e ele ficou bom. Acrescenta: «Aqui são duas árvores e acabou a história...».

Antes de se ir embora apára meticulosamente os lápis mal aguçados da caixa que utilizara.

VIII

Na 5.^a consulta, um mês depois, a uma segunda-feira, a mãe conta tudo ter corrido bem, progredindo na escola, e não mais falando

em querer matar-se, até há dois dias. Não tinha sono na sexta-feira anterior, tendo ficado ao pé da mãe até ela se ir deitar; no sábado andou irritado, «a atirar com as coisas», e, no domingo de manhã, após uma briga com um amigo da mesma idade, quiz ir buscar a espingarda Flaubert do irmão, para o matar, no que foi impedido pelos vizinhos.

Acrescenta a mãe que ele andava mais calmo quando após as aulas tinha que ir para casa dos avós paternos (numa altura em que a mãe tinha trabalho todos os dias fora de casa), do qua agora em que vai logo para casa, pois que a mãe tem menos trabalho, e já lá está quando ele chega.

Na véspera, quinta-feira, o pai do Álvaro quase tivera um acidente de trabalho.

O seu companheiro (por sinal amigo do Álvaro) caíra por uma ravina de 6 metros e fracturara o crâneo, as pernas e as costelas. O pai, muito impressionado por ter escapado por pouco ao mesmo acidente, quase não conseguira contar a história à noite em casa.

— O Álvaro é capaz de ter ficado preocupado com a história do pai, sugeri à mãe, ligando com o que me dissera antes.

— «Talvez, Sr. Dr.... ou será que ele é mau?»...

São questões antigas as questões que o Álvaro tem com o amigo que quiz matar, esclarece-me a mãe. Procuram-se e guerreiam-se, sem cessar, há muito tempo: o Álvaro já teria andado em busca de navalhas para lhe espetar.

— «Ai que fezes, ai que fezes, Sr. Dr.», sublinha a mãe.

Ao Álvaro falo-lhe, depois, nos bons resultados na escola, refiro-me ao acidente com o pai e com o rapaz companheiro de trabalho, e ao não ter sono e querer ficar ao pé da mãe nessa noite, talvez preocupado pelo acidente do pai; esta preocupação talvez tivesse que ver com a força da zanga com o amigo no dia seguinte, e com o querer matá-lo.

Responde que o acidente não foi com o pai mas com o companheiro, e que o companheiro não era um rapaz mas sim um homem. Quanto a não querer ir para a cama tinha sido porque estava a ver um filme na televisão.

- Que filme era?
- «Não sei, não me lembro».
- História de homens, de mulheres..., avanço eu.
- «Sim, era», diz, mas não adianta.

Quanto ao amigo, esclarece-me, ele fez-lhe «um gesto assim com os dedos da mão» (exemplifica fazendo «um pénis»), ao pé do rabo dele, pelo que, «deu-lhe».

- Que achaste do gesto?
- «Foi malcriado e eu apertei-lhe as goelas»... e acrescenta rapidamente «não tenho mais nada para contar»...
- Que vamos fazer então?

Quer desenhar: conta correctamente 12 lápis, que separa e com que começa a desenhar. Vai descrevendo o que vai fazendo: caminho para Lisboa... terras... casa... rio... onde o rio nasce... erva.

Passa para um segundo desenho: menina a mexer na televisão, apanhou um choque e morreu; o cão ladrou.

- A menina se calhar queria ver um filme..., avanço eu.
- «Hum»...
- E os pais?, inquirio.
- «O pai morreu também, caiu a um barranco... E mais nada... Já chega».

Combino que traga os cadernos na vez seguinte: dirige-se para a mãe dizendo «Mãe, vamos marcar a próxima consulta!».

IX

Na 6.^a consulta a mãe chegou muito emocionada. Vinha sozinha com o filho.

- «Ai Sr. Dr. ... muito mal... grandes fezes... está pior... desde há uma semana... parece que é tudo com a morte das pessoas... morreu o amigo dele, colega de trabalho do pai... rapaz novo... dava-lhe dinheiro... procurava-o no café... desastre, com uma pedra... insistiu que queria vê-lo.. não queríamos... viu-o todo roxo... começou a chorar... veio a chorar todo o caminho... a gritar... cheio de raiva... «Porque morreu

o meu amigo?»), e, acrescentou a mãe: «Já nem sei se há Deus»... »

Em casa começou a partir coisas: partiu o ferro de engomar, depois queimou-se ao querer apanhá-lo do chão; despenhou-se dum postigo, aparentemente sem querer: «Tem cuidado, Álvaro», a mãe tinha-o prevenido; começou a atirar-se às pessoas: queria bater com paus, à mãe e a outros rapazes.

- E com o pai?, perguntei eu.

Começou a perder respeito ao pai: «Que vai ser dele quando for crescido?», acrescentou aflita.

Só na escola as coisas continuam a ir menos mal.

- Vejo-a sempre preocupada com o seu filho... antes por ele se poder matar... agora por ele poder matar alguém, contrapuz eu.
- «Eu sei lá», atalhou a mãe, «preocupações desde nascença, o parto foi demorado... fiquei mal... ainda agora vou ter que ser operada... depois o pé chato... botinha em pequeno... e a operação à pilinha... só preocupações».

Quando a mãe lhe batia, o Álvaro agora reagia contra ela, agarrando um pau de vassoura e dizendo: «Agora já não se vira a mim»...

A mãe foi-lhe dizendo para ele não falar mais nisso das mortes.

- Porquê?, perguntei-lhe eu.
- «Pode fazer-lhe mal, pôr-se a pensar nisso durante a noite... Eu já tenho pensado... será maldade nele? o querer partir tudo?»
- Maldade?
- «Sei lá, que esteja dentro dele... que será dele quando fôr crescido? Ai, Sr. Dr.».

Quando falei ao Álvaro na história do ferro de engomar partido ele disse ter sido um acidente. Ao referir-se à morte do amigo respondeu-me que se chamava Rafael, mas mudou imediatamente de assunto: pega numa caixa de lápis novos, fala sobre eles, e brinca com eles e acompanha a brincadeira de uma cantoria: põe cuidadosamente, um por um, os lápis fora da caixa.

- Esse já não morre, fui-lhe eu dizendo sucessivamente a cada lápis tirado.
- «Pois não», acrescentou ele de cada vez.

Diz querer desenhar e usa um lápis «que vai morrer»: vai enchendo toda uma folha — uma casa, um rio, um pato, uma menina, uma casa, um fantasma que é um lobo disfarçado de fantasma, e o pai com espingarda que faz fugir o fantasma, quando a menina tinha saído de casa e se escondera na erva, no trigo. A menina depois é menino, mas, vai daí, e a menina acaba por morrer.

- Como foi isso?
- «De doença...»
- Ninguém conseguiu curar, digo eu.
- «Pois».
- «Hoje só quero fazer um desenho»...
- Então voltas daqui a 3 semanas para aprenderes a não ter medo do fantasma...
- «Pois», diz e ri-se.

X

Na 7.^a, e no que veio a revelar-se ser a última consulta, o Álvaro veio com a mãe e com o avô. Sugiro que ele decida se quer falar comigo antes de eu falar com a mãe. Diz querer falar primeiro.

No gabinete comunica-me querer contar uma história: um menino arranhou um cavalo e um espingarda, arranhou muita caça, e encheu a casa dos pais.

- Para que ficassem contentes com ele, adianto eu.
- «Pois... e depois conheceu a princesa e o pai dela... e também encheu o palácio de caça... metade para uns, metade para outros... casou com a princesa... depois morreram e acabou-se a história».

Sucessivamente, por três vezes, diz «Acabou-se a história», para depois retomar nova história com os mesmos personagens a uma mínima intervenção minha, sempre sucedendo à aventura a morte, e depois a ressurreição.

Aparecem lobos que ele vai matando — aponta-me a espingarda, vai disparando, e de cada vez finjo que morro e «ressuscito». Surge um elefante amigo que o ajuda a levar a caça,

e a seguir um cavalo que faz o mesmo. Depois morrem a princesa e o menino, e acabou-se a história.

Logo depois ele e a princesa vão encher as casas de caça e fruta, em partes iguais em cada uma.

- O menino e a princesa queriam dar presentes para que as pessoas não estivessem zangadas com eles..., digo-lhe eu.

Vai desenhar:

No 1.^o põe 3 árvores com raízes: em cima de uma está o menino, em cima de outra está a mãe, aos tiros, e na terceira não está ninguém; acrescenta ainda o elefante amigo e o cavalo. Por baixo desenha uma casa grande, onde se guardavam a caça e a fruta; põe-lhe várias portas e janelas, e uns ferros a ligá-la a uma outra casa, mais pequena.

O 2.^o desenho enche-o com uma casa grande, semelhante à do primeiro, com muitas janelas e portas: a cada porta corresponde sua janela.

Faz, ainda, um 3.^o desenho: de novo uma casa com muitas portas, mas sobrepostas na vertical; ao lado desenha uma cruz. Não comenta sobre o que faz. Creio, no entanto, estar a querer representar um novo sentimento seu de força e de segurança. No último desenho, e pela primeira vez, escreve o seu nome completo.

Terminamos.

Falo depois com a mãe, que me diz achá-lo muito bem, sem problemas; continua muito interessado pela escola, e não quer faltar, para passar para a 2.^a classe. Na rua procura decifrar os letreiros e os títulos das revistas.

À despedida explico ao Álvaro o que a mãe me contara, desta vez com ela presente. Combinamos nova entrevista para depois do fim das aulas.

XI

No entanto, não nos voltámos a encontrar: perto da data marcada para a nova consulta telefonou-me a mãe dizendo ser impossível comparecer, pois que ela tinha caído e partido uma perna; no entanto, as coisas continuariam bem com o Álvaro.

Só soube, de novo, mais sobre o Álvaro 1

ano e quatro meses depois, por iniciativa minha, através de um telefonema que fiz para a tia enfermeira que vivia em Lisboa.

Tudo continuava relativamente bem: mantinha-se o entusiasmo do Álvaro pela escolaridade, indo agora frequentar a 3ª classe; os pais estavam despreocupados em relação a ele, embora o Álvaro ainda fizesse uma vez por outra, sem grande convicção, uma ameaça de suicídio; o pai responder-lhe-ia «pois faz», o que o desarmaria; entender-se-ia muito bem com os avós paternos, onde passaria muitas horas calmas. Explicou-me também que não tinham voltado à consulta por um lado por o dinheiro não abundar, por outro lado por, verdadeiramente, não o acharem necessário; se houvesse algum problema preocupante com o Álvaro já me teriam procurado.

XII

A história precoce do Álvaro mostra ter havido uma *má relação inicial mãe-filho*, expressa no choro permanente, no mau dormir, no não comer, e mais tarde, nas birras que duravam horas, e na necessidade de andar sempre atrás da mãe.

A má relação inicial condicionou a manutenção do duo mãe-filho num estado de simbiose parcial, necessária para ambos os parceiros.

Do lado da mãe por uma necessidade inconsciente de manter o seu filho mais novo, e provavelmente último filho, num estado de dependência prolongada, investindo-o como uma espécie de «phalus». Talvez, também, pretendesse de algum modo compensá-lo pelo estado de insatisfação, em que o Álvaro parecia exprimir uma opinião desfavorável sobre a relação com a mãe. Também o Álvaro servia para a mãe «evacuar» nele, através de identificações projectivas, os seus fantasmas de *fúrias destruidoras* do lado do pai, e de *inevitabilidade suicidária*, a partir da morte do primo. Para neutralizar toda esta carga a mãe tinha que manter o Álvaro próximo de si, numa relação claustrofóbica, agora fóbica.

Do lado do Álvaro a simbiose parcial era necessária para obter uma contensão, ainda que insuficiente, de toda a carga de insatisfação e

raiva que em si sentia, e que vivia, sobretudo, no registo agressivo.

A manutenção da presença do Álvaro no quarto dos pais reforçava a simbiose, mas também a insatisfação, a excitação sem descarga, e a impossibilidade de elaboração da bissexualidade.

O Álvaro defrontava-se, em relação ao pai, com um problema edipiano de difícil resolução: por um lado pretendia rivalizar com ele, no movimento edipiano positivo, por outro lado era-lhe essencial submeter-se a ele, para que, sendo por ele mais amado, por ele fosse ajudado a desentranhar-se da mãe, e por ele fosse afastado da exposição permanente à intimidade sexuada entre o pai e a mãe.

Etapas intermediárias na resolução deste *emaranhamento agressivo, amoroso e erótico* pressentem-se em episódios como os da piromania, e do cravar o guarda-fatos da avó com facadas.

Com a sua agressividade aumentada o Álvaro passou a querer negar a sua castração, assim como a sua feminilidade, vivenciadas nos Édipos positivo e negativo.

O suicídio do primo de quem gostava e com quem competia, actua como um «traumatismo», e desorganiza este equilíbrio instável — o Álvaro entra em «depressão fálica» (Ferreira, T., 1988).

XIII

Algumas palavras sobre as *dramatizações suicidárias por enforcamento*. São claramente acontecimentos complexos, sobredeterminados, mas com uma finalidade de fundo de *luta anti-depressiva*.

Exprimem *culpa e expiação*, ligados ao desejo de separar os pais, e à rivalidade agressiva, também de raiz edipiana, sentida em relação ao pai, deslocada para o primo, para o companheiro do pai, e para os outros homens seus amigos/competidores que acabam por morrer.

Estas dramatizações pretendiam, também, *atacar e culpabilizar os pais*, exprimindo a raiva inconsciente pela sobreexposição à sua intimidade sexuada a que ele estava a ser sujeito desde sempre. Neste sentido destinar-se-ia, ao

fim e ao cabo, também a superar os pais, mergulhando-os em recriminações mútuas, e em pranto pelo filho desaparecido.

Além disso, constituíam um *pedido de contensão para a sua aflição*, mista de culpa, de sentimento de castração, e de confusão perante a sua bissexualidade. Creio ser este pedido de contensão/alívio dirigido sobretudo ao pai, para que o ajude a libertar-se do círculo de domínio maternal e o ensine a ser homem.

Representavam pois, também, uma tentativa de *desentranhamento em relação à mãe*, isto é de finalização do movimento de separação/individualização, terminando a fase de «reaproximação», e consolidando o sentimento de constância dos «objectos libidinais interanalizados», diferenciados entre si e com ele próprio, usando aqui a terminologia de Margaret Mahler (1975). O entranhamento com a mãe produzia no Álvaro claustrofobia, agorafobia e culpa. O Álvaro procuraria, aqui também, *subtrair o corpo à propriedade da mãe*, em especial o seu pénis, afirmando raivosamente serem ambos seus.

Por último, creio que as encenações suicidárias exprimiriam ainda as *convicções de onnipotência* do Álvaro, e isto segundo várias dimensões.

Haveria onnipotência por detrás da sua convicção de que *a sua morte seria reversível*.

Segundo Nagy (1959) (citado por Orbach & Glaubman, 1979), entre os 3 e os 10 anos de idade haveria três estádios principais no desenvolvimento do conceito de morte. No primeiro, que iria até aos 5 anos, a morte seria entendida como um processo reversível, durante o qual prosseguiriam actividades vitais como crescer, ouvir e sentir. No segundo estádio, dos 5 aos 9 anos, haveria uma personificação da morte: possuidora de uma personalidade própria, poderia ser dotada de boas ou más intenções. No último estádio, depois dos 9 anos, a criança já reconheceria a morte como sendo o cessar da vida corporal, a que todos estariam sujeitos.

A convicção do Álvaro, de que a sua morte seria reversível poderia ligar-se ao conceito, próprio da sua idade, de que o tempo é uma entidade reversível, facto para o qual Meltzer (1975) chamou a atenção.

Se a sua morte fosse reversível, porque não

havia também de o ser a morte do primo? Haveria aqui, também, uma *intenção anulatória* do mal imaginariamente causado ao primo, pelos seus desejos hostis em relação ao pai.

Com a sua morte reversível, escapando a seu bel-prazer da situação conflitual em que se sentia, anularia também magicamente a sua castração actual, e evitaria a castração «major», que o transformaria numa menina.

Haveria, também, nestas dramatizações o que parecem ser *encenações fantasiadas da cena primitiva*, vividas em termos de bissexualidade, bissexualidade esta muito claramente representada e elaborada nos seus desenhos. O Álvaro seria simultaneamente o pai e a mãe quando apertava um cordel ao pescoço, em que o cordel representaria umas vezes uma mão-vagina maternal, rodeando o pénis-pescoço paternal, outras vezes, o inverso. Recorde-se que o Álvaro «apertou as goelas» ao amigo, para negar a sua própria feminilidade; recordem-se, também, as brincadeiras com o primo, como se ele fosse um cavalo, que o Álvaro derrubava, com um cordel como arreata passado à roda do pescoço.

Teria, pois, também uma *finalidade masturbatória*, onde se incluiria uma *erotização da sufocação*, e até do estrangulamento, evidentes no estado excitado e suado em que a mãe encontrava o Álvaro, pendurado pelo pescoço, por um cordel, da cabeceira de ferro, do que, tudo indica, seria a cama dos pais, ou das costas de um cadeirão, e dando sacões com o corpo. Sufocações erotizadas apreendidas nas relações entre os pais, talvez entendidas como estrangulamentos mútuos, e de que ele, ainda na actualidade, seria testemunha raivosa e aterrorizada, incapaz de distinguir entre a «petite morte» da descarga orgástica, e a morte definitiva.

Recordo o filme «O Império dos Sentidos» do japonês Nagisa Oshima, com os seus rituais de sufocação mútua, procurando o homem e a mulher tirar o prazer máximo na passividade máxima perante uma sufocação provocada pelo outro que permitisse a sobrevida, e, até mesmo, ainda que entrando na «outra vida». O filme termina com a morte e castração do homem.

A erotização da sufocação está ligada ao erotismo respiratório em geral, por sua vez incluído no erotismo oral. O abocanhar o seio,

o incorporar, o rejeitar, o reter, o cheirar e o saborear, acompanham-se de fenómenos respiratórios de tonalidade agradável, talvez de elação, ajudando a construir a componente respiratória erótica positiva do «bom objecto». Já o tossir, o espirrar, o engasgar-se, as dificuldades respiratórias de todo o tipo, produtoras de mal-estar e angústia, contribuirão para a formação da componente erótica respiratória negativa do «mau objecto».

O enchimento inspiratório seria uma componente da «incorporação», e uma das raízes da introjecção.

O esvaziamento expiratório seria uma componente da «evacuação», e uma das raízes da projecção.

Entre o enchimento e o esvaziamento situar-se-ia a regulação do sentido, da intensidade e do afecto ligado ao fluxo de ar, primeiro automatizado, depois a pouco e pouco, sob o controle do Eu emergente.

Aqui se incluiria o rir, o gritar, o balbuciar, o cantarolar, o chamar, e, mais tarde, o falar e o cantar.

Uma forma patológica seria o *espasmo-do-solução*, em que a persistência na expulsão raivosa do ar, conduziria à sofocação e à perda do conhecimento. Com o espasmo-do-solução o bebé pretenderia também atingir a mãe — forma nascente do «ataque» evacuativo-projectivo com que o Álvaro pretendia atingir os pais.

Rosenblum e Faber num artigo publicado em 1979 no Jornal da Academia Americana de Psiquiatria Infantil, intitulado «O síndrome de asfixia sexual do adolescente», descrevem rituais de auto-«enforcamento» em rapazes, acompanhando a masturbação, rapazes muitas vezes vestidos com peças de roupa feminina.

Por vezes estes auto-«enforcamentos», que se pretendiam reversíveis, ultrapassam a finalidade inicial e conduzem a uma morte accidental. Também aqui parece serem claras as componentes bissexuais nas dramatizações destes adolescentes, cuja orientação sexual dominante é a heterossexual.

Creio haver semelhanças entre este «síndrome de asfixia sexual do adolescente» e as dramatizações suicidárias, por «enforcamento», do Álvaro.

A minha intervenção junto do Álvaro e da família procurou, sobretudo, conter e aliviar a angústia e a culpa que a todos sufocavam.

Junto da mãe aceitei que procurasse culpabilizar-se e desculpabilizar-se, permitindo que procedesse a uma certa «descarga» agressiva em relação ao Álvaro e ao pai, sem a criticar nem retaliar. Creio que tal permitiu que procedesse a uma revalorização do filho aos seus próprios olhos: aceitando uma maior separação dele, modificou o seu modo de «investimento libidinal» no filho e permitiu a sua saída do quarto dos pais; a par e passo deu-se, também, uma revalorização e uma maior aproximação do marido, abrindo o caminho para uma intervenção educativa do pai junto do filho, de maior peso.

Todos estes movimentos maturativos da mãe deixaram-lhe, ainda, uma maior capacidade para o investimento profissional.

Junto do Álvaro as minhas intervenções centraram-se na análise da sua agressividade e culpa, assim como nos seus movimentos identificatórios.

Através de intervenções compreensivas, não punitivas, houve uma contensão da sua ansiedade e da sua tristeza, e de melhoria da sua auto-imagem.

Parte do seu movimento de auto-agressividade/provocação recanalizou-se em hetero-agressividade/afirmação/sublimação: o «desentranhamento» da relação com a mãe, e a deslibidinização genérica da relação com os pais, permitiu-lhe um reforço da «latência», com desconflitualização da escola e investimento na professora e no estudo.

Creio que a minha intervenção permitiu ainda uma certa elaboração da castração, do sado-masiquismo, da bissexualidade e da identidade sexual básica do Álvaro, e das suas estruturas edipianas positiva e negativa.

A conseqüente redução das ansiedades possibilitou ao Álvaro uma certa compreensão da relação entre agressividade e culpa, reforçou-lhe as capacidades de «reparação», tanto de si próprio como dos pais, tendo tido, ainda, um efeito positivo sobre o seu Ideal-do-Eu.

O melhor acatamento da autoridade paterna facilitou, também, a consolidação do Super-Eu.

XV

Há menos de um mês (Junho, 1988) soube de novo do Álvaro. Dez anos depois, e na perspectiva deste Encontro, voltei a telefonar à tia enfermeira.

Disse-me que o Álvaro, agora com 17 anos, estava muito bem, nunca mais voltando a ter nada, mostrando-se um rapaz saudável, física e psicologicamente.

«Toda a gente gosta dele», afirma a tia. Tem vários amigos e amigas, mas é especialmente forte a ligação que tem com um primo de 23 anos, datando esta amizade da infância.

Com os pais tem alturas de bom relacionamento, outras de relacionamento menos bom: a tia acha que ele gosta mais do pai do que da mãe. Entende-se bem com o irmão, agora com 25 anos e a trabalhar num talho, e que continua a viver em casa dos pais.

Dá-se especialmente bem com os avós paternos, em especial com a avó, mulher condescendente, que muito ajudou a acalmar os ânimos no período de crise de há 11 anos.

Sob o ponto de vista escolar o Álvaro acabou o 9.º ano, sem ter perdido qualquer ano. Ainda se matriculou no 10.º ano, em ensino nocturno, mas achou-o desinteressante e desistiu. Chegou a pôr a hipótese de tirar enfermagem como a tia, mas não levou o projecto avante.

Passou a trabalhar: queria ganhar dinheiro e ter dinheiro próprio. Arranjou um lugar de pintor de automóveis, revelando-se um bom profissional. Já tem conta bancária e teria recebido um convite para ir para uma fábrica de automóveis, em Espanha: talvez para lá vá aos 19 anos.

Durante muito tempo foi bom na pesca à linha, ganhando prémios e taças; depois, desinteressou-se.

Estaria um rapaz alto e bonito, com bom gosto a vestir, e as raparigas «andam todas atrás dele», no dizer da tia. Tem uma namorada, com quem se entenderia bem e com quem teria uma vida sexual.

E mais a tia não disse.

XVI

Termino sublinhando a importância que uma intervenção relativamente curta e superficial

como esta — 7 sessões espalhadas por 6 meses — parece ter tido em termos de promoção da saúde psíquica pessoal do Álvaro, da da sua família, e, até, da do grupo social próximo, prevenindo uma evolução que poderia ter sido grave.

Por tudo isto, as intervenções psicoterapêuticas curtas, inseridas num pensamento analítico de fundo não devem, pois, ser desprezadas como armas poderosas no tratamento de certos estados depressivos da infância.

BIBLIOGRAFIA

- Ferreira, T. (1988). *A Depressão Infantil*. (não publicado).
- Mahler, M. et al. (1975). *The psychological birth of the human infant*. New York: Basic Books Inc.
- Meltzer, D. et al. (1975). *Explorations in autism*. Strath Tay: Clunie Press.
- Nagy (1959). The child's view of death. In *The meaning of death* (H. Feidel, Ed.), pp. 79-98, New York: McGraw Hill.
- Orbach, I. & Glaubman, H. (1979). The concept of death and suicidal behaviour in young children. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 18(4): 668-678.
- Roseblum, S. & Faber, M. (1979). The adolescent sexual asphyxia syndrome. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 18(3): 546-558.

RESUMO

O autor descreve o caso clínico de um rapaz irrequieto de 6 anos, que fizera diversas dramatizações suicidárias, sobretudo utilizando cordéis para se enforcar.

É descrita a sua estrutura psicológica e a sua rede familiar, assim como o tratamento, em psicoterapia analítica, ao longo de 6 meses.

É feita uma teorização detalhada sobre as dramatizações suicidárias, e o artigo termina com uma nota de informação sobre a situação actual do rapaz, quase 11 anos após a intervenção inicial.

RESUMÉ

L'auteur décrit le cas clinique d'un garçon de 6

ans, instable, et qui avait fait plusieurs dramatisations suicidaires, surtout en utilisant des bouts de ficelle, pour se pendre.

L'auteur analyse la structure psychologique du garçon et de son réseau familial, et décrit le traitement en psychothérapie psychanalytique, au long de 6 mois.

L'auteur fait une théorisation détaillée sur les dramatisations suicidaires, et termine avec une note d'information sur la situation actuelle du garçon, presque 11 ans après l'intervention initiale.

ABSTRACT

The author describes the clinical picture of an overactive 6 years old boy, who had engaged in several suicidal dramatizations, mostly by using bits of string, in order to hang himself.

The author analyses the boy's psychological structure and the familial network, and describes the treatment, with psychanalytic psychotherapy, for 6 months.

A detailed theorization surrounding the suicidal dramatizations is made, and the author ends up the paper with a note of information about the actual state of the boy, almost 11 years after the initial intervention.

Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para: Emilio Salgueiro, Rua Padre António Vieira, 26 - 3º Dt., 1000 Lisboa.

PRÓXIMO NÚMERO
DE

**ANÁLISE
PSICOLÓGICA**

**PSICOLOGIA
DA
MATERNIDADE**
(DEZEMBRO 1990)

ORGANIZADOR:

Dr.^a *ISABEL LEAL*